

TRAVELER

À Biblioteca Pública de
Braga

30
SETEMBRO
1972

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

BENEMÉRITO

ANTÓNIO JOAQUIM VIEIRA

Acaba de ser entregue à Santa Casa da Misericórdia de Amares, o legado em dinheiro e títulos da importância de 450 contos deixado pelo grande Feiranovense e benemérito António Joaquim Vieira, que assim deixou o seu nome ligado à nossa maior Casa de Assistência Concelhia, e à sua terra que

tanto amou.

O legado foi entregue pelo Senhor Dr. Arantes Rodrigues, que tudo fez, para que a vontade expressa do extinto fosse cumprida sem qualquer restrição.

Ficamos desta forma muito enriquecidos. Não só pela dávida em si, que é substancial, mas também e prin-

cipalmente pelo exemplo.

A Santa Casa, que vai tomar as suas necessárias deliberações sobre esta ocorrência, irá por certo homenagear a título póstumo o Sr. Vieirinha como todos o habituamos a tratar pelo muito respeito e consideração em que era tido.

Nunca é demais recordar que era para ele motivo da maior alegria, o progresso da sua terra, a quem tanto queria.

Que este exemplo frutifique e que lhe seja prestada justa homenagem são os nossos votos.

E F E M É R I D E

A meu pai que Deus tenha

Narciso José Gonçalves

Está prestes a perfazer quatro anos que meu saudoso pai deixou para sempre a vida terrena. Recordar esse trágico e triste acontecimento — a morte — é, porventura, reabrir feridas que a dor sofrida cavou fundo; é, certamente, num olhar retrospectivo, contemplar de novo as faces gélidas e lívidas do rosto de meu pobre pai, e ficar perplexo e entontecido diante daquela boca que tantas vezes pronunciaria com amor o meu nome, mas agora eternamente fechada; é, sem dúvida, rever aqueles braços inertes, de mãos fortes e calosas do trabalho árduo e persistente, que durante tantos anos — meu pai faleceu com cerca de 80 anos — foram a única fonte de receita de uma família numerosa (12 filhos), já que nunca a «sorte grande» o bafejou, nem jamais descobrira a «pedra filosofal» dos afortunados desta efémera e, às vezes, malfadada vida que vivemos!... Aquelas mãos que em criança me afagaram com ternura e me seguraram no seu colo — triste sina esta a dos seres vivos! — no fim da acidentada jornada da vida tinham como prémio a inumação na terra que as há-de confundir consigo mesma. Mas é assim a inexorável e misteriosa lei da mortalidade.

Ocupar-me deste assunto nas colunas deste semanário que vi nascer e em que colaborei na medida do possível, pois não tenho pretensões ao jornalismo nem tampouco faço disto ofício para viver, poderá levar o meu caro leitor a pensar que é inoportuno, por dizer respeito só e apenas a cada um. Talvez a razão te assista, meu amigo! Mas porque sou filho e hoje também pai, entendi que devia recordar desta maneira aquele que me deu o ser, numa atitude de gratidão que desejaria meus filhos, mais tarde, repetissem. Mas mais: — Sei que, como eu, talvez já não tenhas pai ou mãe — quem sabe mesmo se, até, os dois já partiram para sempre?... E, por isso, escrevi estas palavras na certeza de que não estaria só, e muito confiante nos teus sentimentos filiais.

Reunidos assim nesta homenagem de saudade, rogando a Deus pelo eterno descanso dos nossos queridos e nunca esquecidos progenitores, vais desabafar comigo e comigo pronunciar o salmo, repassado de sofrimento, que, um dia, o santo e velho profeta Jeremias deixou sair do seu coração sobre a cidade deicida — Jerusalém: «Ó vós todos que passais pelo caminho, atendei e vêde se há dor como a minha dor!».

Uma avaliação que se nos afigura imoral

Como é do conhecimento geral os terrenos vendidos para construção urbana estão sujeitos a uma avaliação da Comissão de Avaliação afim de se apurar do valor do dito terreno para efeito de sisa.

Daí acontece que o comprador dá um valor que a Comissão vai ratificar ou reificar, conforme o caso.

Para apurar o valor que atribue deve a Comissão basear-se em algo que fundamente a sua atitude. Ou ausculta do valor por que são comprados os terrenos vizinhos, ou indaga do preço da compra em questão. Fora disto só tem a qualidade da terra e a sua produção, o que para construção pouco conta.

Há semanas venderam-se lotes de terreno para construção urbana nos lugares de Bornaria e Vasconcelos, da freguesia de Ferreiros. Ninguém duvida que os preços reais, autênticos, vacilaram entre os 10 e 20\$00 o metro quadrado, e se alguém duvidar pode ainda usar do direito de compra.

O certo é que a Comissão referida ao fazer a sua avaliação subiu os preços para 40 e 50\$00 o m²., o que quer dizer que em alguns casos quadruplicou o valor.

Porque o fez?

Certamente que não foi para servir o Estado. Este não quer receber mais do que o que lhe pertence fren-

te à compra séria, feita pelos preços justos. Também se não baseou nos terrenos próximos, porque estes se vendem aos preços além referidos e nunca se venderam mais caros.

Nós diremos que, foi para não destuar do que se usa fazer noutros locais de boa situação em que a coisa anda efectivamente cara. Mas então perguntamos que culpa têm uns tantos pobres, gente humilde que quer a sua casa e a quem esse excesso tanto custa? Não temos dúvida que os próprios louvados sabem, até por conhecimento directo, que as compras foram a 10 e 20\$00 o

(Continua na 4.ª página)

5.ª COLUNA

«É um excelente veículo — em 12 segundos atinge os 100 quilómetros-hora». Eis o reclamo que estou a ouvir enquanto lhe escrevo, Leitor.

Não profiro a marca do carro, porquanto me enerva dizê-la, porque nem vale a pena. Todos os anúncios respeitantes a automóveis, são deste teor ou semelhante.

Seja como for, ao mesmo tempo tinha lido um arrazoado, aliás bem escrito, num mensário português, inculcando a negligência do gauto à falta de educação, que nas estradas de Portugal semeia a morte e a desdita em milhares de famílias, com a velocidade excessiva como se conduz. E acabo por não perceber patavina destes comentários, infelizes, que se escrevem, a propósito da chacina permanente de todos os dias aparecida no terreno percorrido.

De quem a culpa? Para mim, Leitor, só das autoridades. Nada mais! Sim, porque se, especialmente agora, que temos linhas de montagem no país, não fosse permitido vender carros comerciais cuja velocidade não ul-

(Continua na 4.ª página)

ESCOLA PREPARATÓRIA

DE SÁ DE MIRANDA

AVISO

A Secretaria da Escola Sá de Miranda fez expedir, por circular, as seguintes instruções e avisos:

1—As aulas, na Escola Sá de Miranda, abrem na próxima 2.ª feira, dia 2 de Outubro, às 9 horas.

2—A frequência é obrigatória para todos os alunos que, não tendo ainda o Ciclo Preparatório ou Complementar, tenham menos de 15 anos.

3—Foram abolidas as propinas, passando o ensino a ser totalmente gratuito.

4—No átrio da Escola, encontram-se afixados os horários e demais instruções.

5—Os encarregados de educação deverão, logo que possível inteirar-se na Secretaria da Escola, das facilidades criadas aos alunos pobres: utilização da Cantina, pedido de subsídios, etc..

No Governo Civil

A tratar de assuntos do maior interesse para o concelho avistou-se, na semana finda, com o Ex.º Governador Civil do Distrito, uma Comissão composta pelos Srs. Dr. Paulo Macedo, Padre Albino Alves, Dr. António José da Costa e João Macedo, respectivamente, presidente da Câmara, vice-presidente da Comissão da A. N. P. Director da Escola Preparatória de Sá de Miranda e presidente da Associação dos B. Voluntários.

Procissões na Rua

Ainda não soubemos a razão porque foi atuado o pároco da freguesia de Carracedo no dia que saiu com uma procissão em homenagem ao Senhor da Piedade no dia da sua festa anual. Parece que o trânsito automobilístico obriga a certas regras mas para as procissões não pode haver regras porque são actos espontâneos da alma do povo. As procissões são mais antigas do que a praga dos automóveis em movimento. Porisso quem devia ser atuado era o automobilista impaciente, malcreado e anti-católico.

As autoridades aonde o padre foi chamado foram compreensíveis, como nós, e como todos devem ser quando amamos a Deus de quem todos somos filhos embora nem todos o queiram conhecer.

Será penhorado o Senhor da Piedade?

Se o pároco da freguesia de Carracedo tiver de pagar a multa pela transgressão cometida por sair com a procissão do Senhor da Piedade, terá a imagem de ser penhorada? O povo que a acompanhava e de tal exigência não tinha conhecimento, não deixará que o Senhor sofra esse vexame. As autoridades no cumprimento legal das suas obrigações não podem perdoar porque a ignorância da lei não aproveita a ninguém mas o que era preciso era saber porque razão se exige uma tal licença e aonde é preceito «foi publicado para que o padre e o público possam continuar a ser religiosos e católicos sem ter de sofrer esse desgosto. Dura Lex sed Lex. A dureza da lei amolecerá os espíritos quando haja razão e justificação para proceder.

Telefones para serviços

DF — URGÊNCIA

Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62121
Doutor duardo Gonçalves (Médico)	62145
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.Mta.)	62163

ANEDOTAS

Um rapaz um pouco estouvado, estando para se casar, confessou-se primeiramente, como é de uso. Depois de se confessar, e tendo já o bilhete de confissão vai ter com o confessor e diz-lhe:

— Esqueceu-se de dar a penitência...

— Não me disse que se ia casar?... Objectou o padre.

Um gago entra numa farmácia para comprar pastilhas de ipecacuanha e começa:

— Queira dar-me pastilhas de ip... ip... ip...

— Huro! exclamou o farmacêutico.

O prior: — Explica-me o mistério da Encarnação, Francisco.

O que é encarnar, sabes?

— Sei, sim, senhor prior: É o que eu sei melhor!

— Então dize.

— Encarnar, senhor prior, é vestir-se a gente de vermelho.

Sinto muito, disse este, não poder empregá-lo, mas é meu sistema não admitir rapazes solteiros em minha casa.

— Quanto a isto, podemos chegar a um acordo.

— Como?

— O senhor não tem uma filha.

Câmara Municipal Braga

Ao dar início, por ordem de entrega, à publicação dos nomes daqueles que, homenageando a memória do bracarense ilustre que foi o Comendador Santos da Cunha, se associaram já à iniciativa da Câmara Municipal tendente a erigir-lhe condigno monumento, pretende o Município ir dando conhecimento das participações recebidas e satisfação a quantos se propõem para ele contribuir.

Dr. António Manuel Gonçalves Rapazote	5.000\$00
Dr. António Pedrosa Pires de Lima	500\$00
Comendador José Joaquim Gonçalves de Abreu	1.000\$00
Francisco Manuel Queiroga	500\$00
Alberio Adolfo Gouveia Cruz	100\$00
António Júlio Pais Martins	2.000\$00
Dr. Francisco do Vale Guimarães	2.500\$00
Associação dos Bombeiros Voluntários de Vizela	1.000\$00
Carlos Maria Salazar de Campos	100\$00
Charles John Chambers	250\$00
Jerónimo Rodrigues Martins Souto	200\$00
Alvaro Soares	100\$00
Américo Fanzeres, Limitada	100\$00
António Fernandes da Silva & Irmãos, Limitada	500\$00
José da Costa	100\$00
José Maria da Silva	500\$00
Eng.º Fernando David Nogueira Arantes	200\$00
Hildebrando Pinho de Oliveira	50\$00
Amorim, Barros & Gonçalves, Limitada	2.000\$00
António de Oliveira & Filhos, Limitada	200\$00
Dr. Joaquim António Loureiro Amorim	50\$00
António de Oliveira Pinto	200\$00
António Joaquim Martins	100\$00
António Pinto, Limitada	500\$00
Manuel Correia Bonjardim	50\$00

(Continua no próximo número)

CALAFRIO

(Continuada do número anterior)

de atingir o alvo. Esta primeira nitidez de visão e emoção foi coisa de poucos segundos, durante os quais o ofuscado pestanejar de Mrs. Grose na direcção que eu indicara me impressionou com um supremo indício de que ela tinha finalmente visto também, no mesmo instante em que eu procurava a criança com os olhos, precipitadamente. Depois a maneira como Flora recebeu a notícia da presença de Miss Jessel impressionou-me, na verdade, muito mas do que se eu tivesse visto encará-la agitadoamente, pois aquele desânimo não era, de facto, o que eu aguardava. Preparada e em guarda com a nossa perseguição, era de esperar que Flora tivesse escondido o que a pudesse comprometer; por isso eu me sentia chocada com a primeira denúncia particular por que não esperava. Vê-la sem uma convulsão naquelas facezinhas rosadas e sem mesmo fingir não olhar na direcção do especto que eu acabava de anunciar, mas, em vez disso, volver para mim uma expressão de firme e silenciosa gravidade, absolutamente nova e sem precedentes, a qual parecia compreender, acusar-n e e julgar-me — eis um golpe que de qualquer maneira convertia a própria pequenita na verdadeira presença que me poderia fazer descoroçar. Embora a certeza de que via tudo nunca tivesse sido maior do que naquela ocasião, fiquei pasmada perante a sua frieza e, na imediata necessidade de me defender a mim própria, tratei de evocar, com toda a energia, o testemunho dela.

«Ela está ali, minha desgraçada menina, ali, ali, ali, e a menina está a vê-la tão nitidamente como me está vendo a mim!»

Eu dissera, pouco tempo antes, a Mrs. Grose que naquelas ocasiões Flora não era uma criança, mas uma pessoa idosa, muito idosa, e isso não podia ser mais impressionantemente confirmado do que pela maneira como ela, como única resposta, simplesmente me mostrou, sem qualquer concessão ou admissão do olhos, uma expressão, cada vez mais profunda, onde havia, na verdade, uma súbita e fixa reprovação. Eu estava naquela altura — se me é permitido relacionar todas estas coisas — mais espantada com aquilo a que poderia mais propriamente chamar a atitude de Flora do que com qualquer outra coisa, se bem que simultaneamente me tivesse dado conta de

que Mrs. Grose também ia ajustar contas comigo, e de maneira formidável. Daí a momentos, a minha companheira mais velha fosse como fosse, fêz desvanecer tudo mais, à excepção da face afogueada, e rompeu num protesto agastado, em voz alta, protesto esse onde havia a mais veemente censura.

«Realmente, que espantosa partida, Miss! Onde diabo está a ver tudo isso?»

Apenas a pode segurar ainda mais excitada, pois, mesmo enquanto ela falava, a horrorosa e evidente aparição continuava impévida e flagrante. Durava já há um minuto e continuava quando eu continuei, agarrando a minha colega, empurrando-a nitidamente para diante, e apontando-lha, insistindo, de mão estendida:

«Não a vê exactamente como nós? Quere dizer que a não vê agora — agora? Parece uma chama resplandecente! Olhe, por amor de Deus, olhe...!»

Mrs. Grose olhou, no momento em que eu falei, e, com um profundo gemido de negação, de repulsa, de piedade — à mistura com piedade, alívio à sua isenção —, fez-me pensar, coisa que me impressionou mesmo então que me teria ajudado, se pudesse. Eu bem podia ter necessitado disso, pois, com o duro golpe que era a prova de que os olhos dela estavam fechados sem esperança, senti a minha própria situação terrivelmente aniquilada, senti — vi — a minha lívida antecessora ferir, lá do seu lugar, a minha derrota. Estava certa como nunca que desde aquele momento em diante teria de defrontar-me com a aterradora atitudezinha de Flora, imediata e violentamente, Mrs. Grose caiu nesta atitude, prostrada numa desfalecida e nova prova de confiança, mesmo enquanto transparecia entre o meu sentimento de derrota um prodigioso triunfo íntimo.

«Ela não está ali, minha senhora pequena, não está aqui pessoa alguma — e a menina nunca viu nada, meu amor! Como é que podia ser Miss Jessel? Miss Jessel está morta e sepultada! Nós bem o sabemos, não sabemos, meu amor?» e Mrs. Grose fitava, disparadamente, para a criança. «Não passa de um simples equívoco, de uma inquietação, de uma brincadeira — e nós vamos tratar de regressar a casa o mais depressa possível.»

Flora respondeu a isto com uma viva e estranha afectação de decôro, e ali estavam elas de novo unidas, Mrs. Grose aos pés de Flora, unidas, isto é completamente contra mim. Flora continuou a olhar-me, com uma expressão cheia de reprovação, e, mesmo naquele instante, roguei a Deus que me perdoasse, pois se me afigurava ver, enquanto ela ali estava muito agarrada ao vestido da nossa amiga, que a sua incomparável beleza infantil se tinha

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Cinzeiro Público

O marco do correio do Largo Dr. Salazar tem outra utilidade além de receptáculo de correspondência. O carreteiro, ao abri-lo encontrou vária correspondência queimada por fosforos acesos lançados por alguém que confundiu o marco com um cinzeiro.

É de louvar o acto praticado visto os incêndios nos montes ser provocados por fosforos ou cigarros acesos.

Era preciso louvar o cauteloso cidadão que tanto cuidado mostra numa terra com bombeiros à porta, no quadro de honra dos «heróis» que a G. N. R. deve ter no Pósto mais um retrato iria enriquecer a galeria dos patifes que, drogados ou utilizados, causam prejuizos desta natureza.

Riqueza à vista

O desporto matonautico em Caniçada é um facto digno de registo pelo grande número de pessoas que assistiram a esse prélio aquático e que tiveram oportunidade de contemplar uma Natureza gigante zelada e acarinhada pelos habitantes ciosos de uma riqueza que só Deus pode dar.

O Estado e as empresas eléctricas levam daí o melhor que os rios juntos podem oferecer. Luz e dinheiro, progresso e riqueza. As empresas embelezaram o local e o Estado vai fazer um parque Nacional e talvez resolva o caso da fronteira da Portela do Homem em que a Espadha também entra e já entram primeiro do que Portugal.

O cão e o Homem

É conhecida a dedicação do cão pelo homem mas há homens que ainda não conhecem bem esse animal que já tem em Portugal a categoria de «policías» porque descobrem crimes que o homem não sabe descobrir.

Registamos com mágoa mais um crime praticado por um ancião de Caldelas, sr. António Lourenço, residente no lugar do Monte. Cortou as orelhas a um cão que lhe matou uma galinha. Concretamente foi a fome que levou o bicho a matar a galinha embora ela aparecesse sem qualquer falta de carne.

Era bom que se soubesse a razão que levaria o animal a fazer essa asneira e se a galinha morta teria sido comida pelo autor da proesa que só mostrou falta de compreensão das necessidades físicas de qualquer animal.

É este o segundo crime repugnante conhecido porque

o primeiro foi em Lago onde mataram à facada outro cão para destruir um melancial dum caseiro do distinto advogado Dr. Pereira da Silva.

Profilaxia Social

Depois da exibição de um filme na Caixa de Crédito Agrícola que mostrou o que se está a fazer nos províncias da Metrópole respeitante à saúde pública, começaram a sentir-se os efeitos benéficos dessa campanha promovida pelo Ministro de Saúde e Assistência a quem Amares muito deve pelo que já fez com a construção de um hospital. Várias freguesias já foram percorridas pela equipa de médicos e enfermeiras e milhares de pessoas já foram consultadas, aconselhadas e tratadas. Só quem assiste, como nós em Carrazedo, à corrida para a ambulância, é que pode avaliar a alegria do povo doente e daquele que o seria se não tomasse as preocupações aconselhadas por esses sacerdotes devotados à salvação da vida dos habitantes de uma Pátria ressurgida.

Ciclo Preparatório

As centenas de alunos matriculados vão sentir os efeitos benéficos do Ministério da Educação Nacional. Vai desaparecer o homem «bruto» como a Natureza o deu «por falta de escolas no ventre materno». Essa falta ou deficiência está suprida e o que mais nos consola é que ninguém deixará de ignorar Portugal histórico, cristão e grande pelos feitos expontâneos de tantos heróis que nos colocaram no mundo e só agora começam a conhecê-lo por obra e Graça de um «parto laborioso» que deu à luz a ciência e inteligências de Salazar.

— Por —

Elísio Gonçalves

Carrazedo

Amares

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje, a sra. D. Leopoldina Rosa Garcia Pinto, residente na Buraca-Damaia e amanhã, dia 1, seu filho João Manuel Garcia Pinto.

Amanhã, dia 1, passam também os aniversários das Sras D. Ernestina G. Macedo Martins e D. Lurdes G. Macedo Dias.

Também festeja o seu aniversário o sr. José Augusto, filho do nosso assinante sr. António Fernandes, residentes em França.

No dia 2 a sra D. Deolinda do Céu Novais Cunha.

No dia 3 o sr. António Bento Dias Antunes, comerciante, em Lisboa.

Neste dia passa o aniversário do sr. Constante Antunes, ausente na América do Norte.

No dia 4 a menina Maria Alice Amorim Arantes Rodrigues.

No dia 5 a menina Olívia Arantes da Costa, a sra D. Albertina Machado Ribeiro e a sra. D. Albertina Machado Ribeiro e a sra. D. Cidália Abreu Dias Vieira.

No dia 6 a sra. D. Elisa Severina Martins Dias e a Menina Maria Fernanda de Oliveira e Silva.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

Aniversário

No passado dia 28 passou mais um aniversário a pequenina Maria Izabel A. Macedo Gonçalves, filha do sr. Alberto Macedo Gonçalves e sua esposa Palmira R. A. Gonçalves.

Tribuna Livre deseja à aniversariante um provir muito feliz e que esta data se comemore por muitos e felizes anos junto de seus paizinhos e irmãozitos.

Salvé - 1-10-72

Amanhã, domingo, passa mais uma risonha primavera a Menina Etelvina de Azevedo Gonçalves, extremosa filha do Sr. Narciso Gonçalves e de sua Esposa D. Maria de Fátima de Azevedo.

Seus pais e manos desejam-lhe muitas felicidades e Tribuna Livre felicitá-o efusivamente.

S. Vicente do Bico

Metade da freguesia sem água

Parece incrível mas é verdade. Metade da população tem que ir buscar a água a um quilómetro de distância, principalmente os moradores do lugar da Castanheira têm que ir colher a água potável para consumo ao lugar da Cova da freguesia de Rendufe. De quem a culpa? De determinado sr. que resolveu construir um poço no campo onde passava a veia do precioso líquido que alimentava a fonte pública do lugar da Bouça, e que dava, também, para os seguintes lugares: Castanheira, Eirado, Igreja (como o provam documentos antigos) e parte do lugar do Coto. Admite-se, assim, que uma única pessoa, faça ficar sem água quase uma centena de pessoas? A Ex.ma Junta de Freguesia anda a tratar de resolver o assunto; mas enquanto a máquina burocrática trabalha, aonde é que esta gente se há-de remediar? Desejamos que este caso, que já tanto deu que falar, seja depressa resolvido para bem da comunidade. Mesmo até, olhando a que estamos em pleno século XX, e que o Homem já pisou a Lua, como se admite lugares sem água que é a «alma mater» da vida?

JOÃO ALVES

DE AMARES

Casamento Elegante

O dia 17 deste mês de Setembro amanheceu mais alegre, mais esperançoso e mais confiante para os noivos Paulo Lage da Silva e Maria da Conceição Sameiro Vieira da Costa. É que, precisamente nessa data, o solitário e histórico santuário de N.ª Senhora da Abadia, deste concelho, coevo da nossa nacionalidade, abriu as suas velhas e venerandas portas para receber e testemunhar o enlace matrimonial destes jovens que, junto e sob os olhares da Virgem, pronunciaram o seu «SIM» incondicional, irrevogável e vitalício, rodeados de familiares e um bom número de amigos.

A nubente é filha muito idolatrada do Sr. Adelino Vieira da Costa e D. Almerinda Vieira da Rocha, de Figueiredo, e o nubente filho bem estremecido do Sr. Luís Gonzaga da Silva e D. Dlisa de Jesus Lage, desta Vila, todos deste concelho de Amares.

Apadrinharam este auspicioso e solene matrimónio o Senhor Ângelo Vieira da Costa e sua Ex.ma esposa D. Maria Victória da Costa Lopes.

Findo o soleníssimo acto religioso, todos se dirigiram para o Restaurante desta devota e austera localidade, onde foi servido um opípero e bem confeccionado almoço. Aos brindes entre outros, o Sr. P.e Luís, de Caires, que celebrou a Santa Missa, pôs em destaque as peregrinas virtudes morais e sociais que exornam estes recém-casados, e o Sr. P.e Fernando, pároco de Amares e Figueiredo, que em nome da Igreja recebeu o consentimento dos mesmos, igualmente levantou a taça e proferiu palavras amigas, remirando-se com ufania nos seus bons e exemplares paroquianos, a quem desejou venturas sem fim.

Entre os numerosos convidados contavam-se a veneranda anciã D. Maria da Conceição Vieira jóia de incalculável valor, avó da noiva, o Senhor António dos Santos Caiado e Ex.ma esposa, grande capitalista e honestíssimo comerciante entre os maiores de Luanda, onde o noivo trabalha, e o Sr. Fernando dos Santos Correia e família, industrial de largos recursos em Bissau, nossa província da Guiné, onde o pai da noiva também trabalhou, há anos.

Os noivos seguiram em viagem de núpcias para Lisboa, onde passaram uma semana, tendo, no regresso, visitado Fátima, encontram-se hoje, embora acidentalmente, na casa do Sr. Luís Gonzaga da Silva, pois, o noivo, nosso estimado assinante, tem a sua vida radicada e organizada em Luanda, Angola, há cerca de quinze anos, para onde, em breve e de novo seguirá acompanhado de sua esposa.

Para este simpático e nóvel casal apeteçemos as maiores e mais escolhidas bênçãos da Céu, com votos de inúmeras venturas familiares e sociais.

UM CONVIDADO

No quarto centenário de «Os Lusíadas» a obra épica de Luís de Camões

Por JAIME MACEDO

(Continuação do número anterior)

A vida de Camões decorreu no período do Renascimento, numa altura em que se alimentava, intensamente, o gosto pela cultura clássica e consequente estudo dos meandros do paganismo, em que vicejada a mitologia, estudo este necessário à boa compreensão dos autores clássicos, elemento que não despresou na elaboração de «Os Lusíadas», último grande poema épico de estilo clássico, honrado por Humboldt como «Ilíada das Línguas Vivas» e que já Almeida Garrett havia intitulado de «Ilíadas dos povos Modernos». A ficção mítica de Camões é como que um wagneriano «Crepúsculo dos Deuses», que se debatem em dissonâncias tenebrosas, já reecosos de serem substituídos pelos feitos gloriosos e sobreumanos dos portugueses como, realmente, foram sepultados nas trevas do esquecimento pelo farol resplandecente da civilização cristã. «para do mundo a Deus dar parte grande». Nesta fase de transição para o cristianismo foi, com efeito, vencido o paganismo e as suas deidades, pelo heroísmo dos nautas e guerreiros, pela santidade dos mártires e missionários, pelas leis dos soberanos e dos sábios, todos sublimados na Obra Épica de Camões.

«Cesse d'ouir o que a Musa Antiga canta / que outro valor mais alto se alevanta». «Cesse do Sábio Grego e do Troiano / as navegações grandes que fizeram; / Cale-se de Alexandre e de Trajano / a fama das vitórias que tiveram».

É assim, com este vigor patriótico, que Camões sublima os feitos heróicos dos portugueses, que declara superiores aos dos personagens da «Odisséia» e da «Eneida», maiores que os de Alexandre Magno e do Imperador Trajano. E na dedicatória ao Rei D. Sebastião, «maravilha fatal da nossa idade», como profeticamente lhe chamou, opõe os nossos heróis verdadeiros aos personagens de ficção da literatura italiana, «Rodomonte e o vão Rugeiro / e Orlando, ainda que fora verdadeiros»: «Por estes vos darei um Nuno fero / um Egas e um Dom Fuas, que de Homero / a citara para eles cubiço; / pois pelos Doze Pares (de Carlos Magno) dar-vos quero / os Doze de Inglaterra e o seu Magriço; / douvos também aquele ilustre Gama, / que para si de Eneias toma a fama. / Um Pacheco fortíssimo e os temidos Almeidas, por quem

sempre o Tejo chora, / Albuquerque terrível, Castro forte / e outros em que poder não teve a morte.»

Repare-se no extraordinário poder de síntese desta transcrição, embora troncada. Para o completo teor de dedicatória, remeto o leitor (1-6 a 1-8), que em 13 estâncias apenas, esboça Camões a história pátria e lhe sobra espaço para fazer ao Rei celibatário, este divinal convite: «Tethys, todo o cerúlio senhorio / tem para vós por dote aparelhado, / que, afeiçoada ao gesto belo e tenro, / deseja de comprar-vos para genro.» Lembremo-nos de que, se fosse realizado o consórcio, teríamos, em lugar da dominação filipina, um semi-deus por Rei!

* * *

«Já no largo Oceano navegavam, / as inquietas ondas apartando; / os ventos brandamente respiravam, / das naus as velas concavas inchando»... Assim começa a cantar, Camões, a Primeira Viagem dos Portugueses à Índia.

A expansão oceânica, na Dinastia de Aviz, criou a possibilidade da descoberta do Caminho Marítimo para a Índia, levada a efeito por Vasco da Gama, com a qual, foi iniciada, segundo o conceituado historiador Arnold Toynbee, a «Era Gâmica», assinalado marco da História Universal, a Idade de Ouro da Nossa História, que deu origem à «Revolução Comercial», de que somos os pioneiros incontestáveis.

Novos caminhos se abrem, ainda hoje, à Raça Lusíada espalhada pelo mundo, cujo patriotismo, cantado, por Camões, confirma, mais uma vez, a secular posição universalista que sustenta contra os ventos da história tão semelhante às perigosas tempestades sofridas pelas caravelas de Cristo e do universal Henrique «O Navegador», o nosso Infante de Sagres, vencendo, como outrora, Adamastores e Velhos do Restelo, ou o envenenado espírito de Baco, que ainda parece fazer delirar, em sonhos pérfidos, os contestatários da civilização cristã, os

manobradores da anarquia internacional a que nos opoemos, sempre e em qualquer parte.

«E aqueles que por obras valorosas / se vão de lei da morte libertando», continuarão a escrever Os Lusíadas «com cristãos atrevimentos», em defesa da civilização ocidental, contrapondo às rajadas de ódio a couração do patriotismo, como nos ensinou Camões na sua Epopeia Imortal.

5.ª COLUNA

«Continuado da 1.ª página»

trapasse os oitenta quilómetros, naturalmente que a *série negra*, tinta de sangue, seria reduzida em cinquenta por cento, pelo menos. Mas não! A coisa continua e ninguém atenta nisto. Não atenta, na medida em que há necessidade de educar e não restringir o progresso mecânico. Será...

Por este princípio poderíamos aproveitar exemplos flagrantes a tal respeito. Indivíduos perfeitamente educados que num acto de desespero são do mais pernicioso que há. Mas nesse caso apenas sofre o antagonista. No caso do automobilismo é diferente. A falta de educação só poderá conter-se por meio de drásticas restrições. E essas são precisas.

De resto, neste país não se trata de educar. Trata-se de contemporizar com as forças da amoralidade. Se não, ainda agora temos outra muito a propósito, também. O despacho acerca da venda de bebidas nos campos de Futebol. Não se pode vender nada com envólucro de vidro... Tem de ser em plástico, para não ferir o árbitro nem os jogadores, com o aremesso dos invólucros. Deste modo continua a poder-se aremeçar.

Bolas, Leitor, para não dizer outra coisa...

EME ABRIL

EM AMARES (Feira Nova)

ALMOCE OU JANTE

NO RESTAURANTE

«MILHO REI»

Café - Snack - Bar

Casamentos - Baptizados - Festas elegantes

«BALIZA DE PRATA»

Recebeu mais uma «baliza de prata». Desta feita a edição já vai em três. E esta bem a mereceu. Na sua mais relevante forma, José Henrique teve tardes e noites de extraordinárias defesas que deram ao seu clube saborosas vitórias. Vitórias essas contribuintes para a confirmação do título nacional que já vai sendo vitalício ao Sport Lisboa e Benfica, para a conquista da taça de Portugal e para quase conquista do famoso título de Campeão europeu.

Estou a recordar-me do encontro contra o Ajax. Nesse prélio provou José Henrique ser um grande guarda-redes. Bolas a soco; bolas captadas no ar; aparatosa defesa a pontapé quando já o golo parecia inevitável, foram as esbeltas defesas de José Henrique nesses dois embates. E o único golo das disputas nenhum guarda defenderia!

Seguidamente pode o público ver, quer aquele que foi ao Vale do Jamor, quer através da T.V., a final da Taça de Portugal. E aí mais uma vez viu-se o sensacional guarda-redes que é José Henrique. Mostrou a sua agilidade em defesas que ficam gravadas na memória dos desportistas.

Sem descansar — tinha acabado a época futebolística — é chamado à selecção Nacional para ir ao Brasil na esperança da conquista da «Mini Copa».

Em representação de Portugal lá partiram os homens da bola. Aí chegados começaram, com intervalos de um ou dois dias, a defrontar selecções, perigosos adversários para nós. Mas de balde. Havíamos de ir à final. Com um Estádio do Maracanã repleto de público, portugueses e brasileiros, esperados na desejada vitória da sua selecção, — Portugal bateu o pé ao Brasil. E de que maneira! Só uma incidental cabeçada do avançado brasileiro deu um insólito golo à sua equipa. Faltava um minuto quando este bambúrio apareceu. Era inevitável a derrota. Mas José Henrique não teve culpa no golo. Nem ele, nem ninguém. Até se diga: O guarda-redes a quem a baliza de Portugal

foi confiada deu azo e provas dessa confiança ao treinador. José Henrique esteve em forma. Numa forma impar. E não só nessas disputas, como durante toda a época 1971 — 1972.

Nova época de futebol começou. Esperamos que ele não tenha perdido a forma — que o gingão, o extremo do guarda José Henrique esteja a defender como nunca. Não só para títulos nacionais, mas para o tão apetecido título de Campeão da Europa que o Sport Lisboa e Benfica cobiça a 3.ª vez. Portugal ver campeão uma equipa lusa. Por isso conta com os avançados, os médios e os defesas da turma, mas acima de tudo pôr os olhos no defensor da baliza. Assim estamos esperançados que em todas as contendas possamos ver que ainda é formidando José Henrique.

Sousa Gonzalez

Uma avaliação que se nos afigura imoral

«Continuado da 1.ª página»

m2, e que assim pode comprar quem quiser e quando quiser, pois para aqueles lados há fartura.

Mas se eles o sabem e reuniram para decidir não houve um rebate de consciência ou um gesto de firmeza moral?

Cada um deles conheceu já, o que é precisar. Pode medir, com sentimento de humanidade, quanto custa ao Catrina ou ao Benjamim pagarem sisas de 20 ou 30%, se andam a mendigar a madeira para as suas modestíssimas habitações.

— Que recorram — dizem. Mas será essa a conduta que querem os superiores? Se assim fosse teríamos que concordar que predomina o espírito doentio, que não há intensão de justiça que os homens são maus ou incompetentes.

É mau servidor o que serve de mais e o que serve de menos, mas é pior o que não serve com humanidade nem senso.

Leia

Propague e assine

«Tribuna Livre»

Telefones dos Bombeiros
ros V. de Amares

6 2 1 6 2